

Companhia de Caçadores 2444



«CORISCOS»

«ARMAS NÃO DEIXARÃO ENQUANTO A
VIDA OS NÃO DEIXAR»

A Companhia de Caçadores 2444 foi mobilizada pelo Batalhão Independente de Infantaria 18 (BII19 - Ponta Delgada) para servir Portugal na Província Ultramarina da Guiné no período de 15 de Novembro de 1968 a 19 de Agosto de 1970.

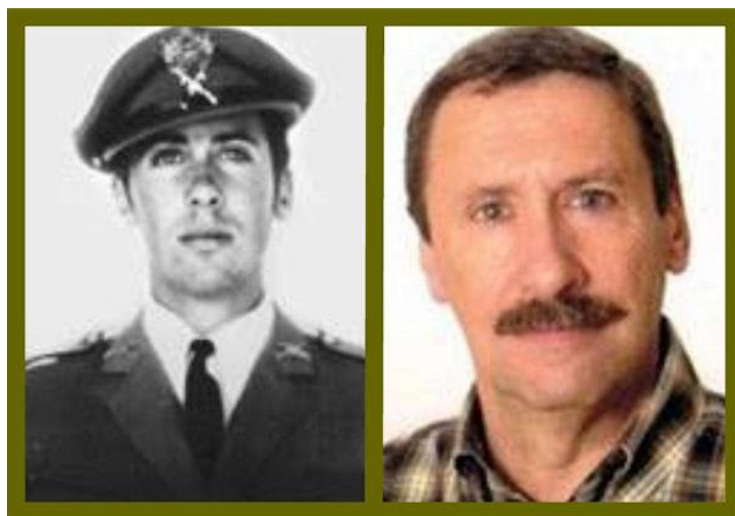
O texto:

«O inferno nos primeiros meses»

autor: José Manuel Pereira
Rebola

Furriel Mil.^º Atirador de
Infantaria

Companhia de Caçadores 2444



(com a devida vénia, reproduz-se um artigo da autoria de João Manuel Pereira Rebola, furriel miliciano de infantaria que serviu Portugal na Província Ultramarina da Guiné, integrado na CCac2444/BII18; publicado em Jan-Dez2012 no 'Aerograma', trimensário da ASCVCU - Associação Social e Cultural dos Vilacondenses ex-Combatentes do Ultramar)

«O inferno nos primeiros meses»

A C.Caç. 2444 (Companhia de Caçadores 2444), "Coriscos", comandada pelo Cap. Mil.º João Duarte Oliveira Abreu, foi mobilizada em Maio de 68 (1968), pelo BII 18 (Batalhão Independente de Infantaria), em Ponta Delgada, para servir no CTI da Guiné (Comando territorial Independente da Guiné). Depois da recruta e especialidade, deslocou-se em Agosto, no navio Ponta Delgada, para Santa Margarida, iniciando aí o IAO (Instrução de Aperfeiçoamento Operacional), que viria a terminar em Novembro, dias antes do embarque, a 9 deste mês, no Uíge, para aquela Província.

Diria que foi uma viagem agradável: o mar e o tempo foram nossos aliados durante os 6 dias, assistimos a filmes sobre a guerra e tácticas de combate, com imagens bastante "apelativas" para o efeito, palestras e, por fim, no dia 15, a meio da tarde, fundeámos ao largo de Bissau. Todo o pessoal foi levado em viaturas militares para o Depósito de Adidos, aguardando ordens superiores sobre o seu destino. Assim, depois de uns dias de descanso, seguimos para Bula, onde demos início ao treino operacional com uma das Companhias do Batalhão 1915, sob o comando do Tenente-Coronel, Luís Pimenta de Castro. Aqui, durante 3 dias, tudo se resumiu a patrulhas e emboscadas nocturnas. No entanto, "os velhinhos", já fartos de levar "porrada" falaram-nos da estrada do "Vietname" onde, mal se abandonava o quartel, diziam eles, quase de imediato começava o "arraial" de fogo. Era a estrada de Bula para Có.

No primeiro dia de Dezembro, ainda de madrugada, depois de um rápido pequeno-almoço, lá partimos para Có. A protecção à coluna era feita por operacionais daquele Batalhão e pelas Panhards do então Capitão Monge. A determinada altura, já muito perto de Có, ouviu-se um tiro e a maior parte do pessoal atirou-se abaixo das viaturas. Um dos nossos soldados, parecendo-lhe ver um vulto no capim, não hesitou em disparar!



Có – A entrada do quartel

«O inferno nos primeiros meses»

Chegámos a Có. Ai, encontrava-se a CCaç. 2402 (Companhia de Caçadores 2402), comandada pelo Cap. Vargas Cardoso Era um quartel que só podia albergar uma companhia. Mas agora estavam duas!!

E aqui começa o nosso calvário!

Diz-se que a tropa manda desenrascar. E foi o que aconteceu. Abriam-se largas e compridas valas, afundaram-se e cobriram-se com troncos de palmeiras. Aí, descansávamos durante a noite, mas sempre em sobressalto. O nosso refúgio, em caso de ataque, estava nos exíguos abrigos da outra companhia. Não havia outra alternativa. Refira-se, porém, que, enquanto permanecemos em Có, não houve qualquer ataque!

Foram cerca de dois meses de constantes patrulhamentos diurnos e emboscadas nocturnas.

Nestas últimas emboscadas, levávamos um aparelho de raios-infravermelhos, para podermos verificar se havia alguém em cima das árvores, já que, por várias vezes, o quartel fora alvo de disparos isolados, vindos das altas árvores que se situavam a pouco mais de 200m do quartel.

Havia atiradores que actuavam como "snipers", soube-se depois.

Apenas nos últimos dias, ouvimos, pela primeira vez, o metralhar da "costureirinha", quando fazíamos a protecção aos homens que capinavam a estrada Có/Pelundo.

Mal abandonámos Có, o Cap. Vargas Cardoso, pressuroso, encarregou-se de mandar aterrá-las. Tanto trabalho para nada!

Transferida para o Cacheu em Janeiro/69, a fim de tomar parte no CAOP (Comando de Agrupamento Operacional), embarcámos numa LDG (Lancha de Desembarque Grande), pois era o único transporte possível para lá chegar, já que a estrada a partir do Bachil se encontrava intransitável.



Cacheu – O nosso abrigo

«O inferno nos primeiros meses»

Aqui, reencontrámos a C. Caç. 2446 (Companhia de Caçadores 2446), companhia madeirense, que viajara connosco desde o Funchal até Bissau, tendo como comandante o Cap. Manuel Ferreira Carvalho.

Fomos ocupar os abrigos novos que a C. Caç 1681 (Companhia de Caçadores 1681) havia feito. Mas, devido à sua exiguidade, lá dentro, o calor sufocava, os mosquitos atormentavam, daí só serem utilizados já noite avançada, ou, na eventualidade de ataque, para nos abrigar e responder ao IN (inimigo).

Eram a guarida dos operacionais, da CCS (Companhia de Comando e Serviços) e dos respectivos furriéis. Para as necessidades mais básicas, havia sentinas ou fossas sépticas; tomava-se banho com água do rio, transportada todos os dias por um Unimog, em bidões, que eram colocados em cima de troncos de palmeiras, tendo na sua base uma torneira.

Quem quisesse tomar um banho mais demorado, ia para o rio e aproveitava para nadar, embora não fosse muito aconselhável, já que a água estava um pouco poluída, devido às embarcações da Marinha que aí permaneciam, deixando-a bastante turva; a cozinha e o refeitório eram ao ar livre, apenas com uma cobertura de folhas de palmeira; toda a gente se sentava em tábuas espetadas em troncos que emergiam do chão; água potável nem vê-la, aconselhava-se a beber outros líquidos, tal como cerveja (Cuca) coca-cola, fanta, seven-up, águas Perrier com whisky ou Gin tónico. Felizmente este tipo de bebidas raramente faltava. No entanto, Cacheu era um local bastante perigoso, daí não ser muito conveniente, independentemente da hora, permanecer muito tempo nas tabancas; não ter lavadeiras que residissem muito afastadas do quartel; regressar ao destacamento antes do anoitecer; evitar sair à noite, a não ser que fosse em direcção ao outro quartel, que funcionava no edifício da antiga Administração, perto do rio, e se possível armado!

Estes eram alguns dos cuidados a ter em conta, já que a população predominantemente manjaca era pouco receptiva à tropa, o que tornava bastante difícil a comunicação. Outra razão talvez se devesse ao facto desta etnia não integrar o exército português, ou seja, as companhias ou pelotões nativos, vulgo milícia, que eram servidos, principal e maioritariamente por Balantas, que formaram as célebres companhias de Comandos, Mandingas e Fulas Estes últimos em minoria.

Os oficiais dormiam numa casa que ficava perto do local, onde as refeições eram servidas a todos os graduados. Dispunha, para estes, de uma pequena casa de banho com sanita!

O refeitório era semelhante ao dos soldados, embora ficasse debaixo de grandes mangueiros, que tornavam o ambiente mais "acolhedor".

Durante o tempo que permanecemos no Cacheu, rara era a semana que não ouvíssemos, por várias vezes, à hora das refeições, o "cantar" de "Kalashs", acompanhado pelo sibilar das balas, rente à copa do mangueiral.

Esta situação obrigava-nos a deixar o repasto, por momentos ou de vez. Soube-se depois que se tratava de uma espécie de "guerra" psicológica, que nos moviam dentro do quartel! ! ! E esta "guerra" só parou quando deixámos o Cacheu.



Ao fundo a casa onde pernoitavam os oficiais

Aproximava-se o dia 6 de Fevereiro (1969). Estava prestes a iniciar-se a primeira operação à qual foi dado o nome de "Aquiles Primeiro". No dia anterior, o cabo cripto andava num vaivém constante entre o seu local de trabalho que ficava no quartel junto do rio e a tal casa onde dormiam os oficiais e que também servia de gabinete ao comandante da companhia. Numa das vezes em que o abordei, atirei-lhe esta simples pergunta: "— Nosso cabo, para onde vamos amanhã? A resposta não se fez esperar :—Não posso dizer, meu furriel, é confidencial". As horas foram passando, a noite aproximava-se, o sono fugia até que por volta das 3 horas, fui acordado pelo alferes, pedindo-me para preparar o pessoal, já que dentro de momentos iríamos sair. Mas era necessário ter um guia. Sozinhos, por mata densa e com nevoeiro, as dificuldades aumentariam e o avanço, o dobro do esforço.

Assim, horas antes da saída, o guia, elemento conhecedor da região, segundo informação prestada pelo elemento da Pide, foi arrancado da tabanca e trazido para o quartel, onde permaneceu durante a noite. Mas não foi fácil, já que tentou uma fuga, embora sem efeito. Ele lá tinha as suas razões!

A C.Caç. 2444 (Companhia de Caçadores 2444) era uma companhia açoriana de intervenção, de uma religiosidade extraordinária, e por isso, nessa noite, talvez o terço tivesse demorado um pouco mais.

Era necessário pedir protecção divina. E o Senhor Santo Cristo dos Milagres foi invocado pelos seus devotos.

Aproximava-se a hora, só os oficiais e se calhar nem todos sabiam qual seria o destino da Companhia, naquela madrugada.

«O inferno nos primeiros meses»

Os quatro pelotões fizeram-se à mata, ficando apenas no quartel a CCS (Companhia de Comando e



Ainda em Có, acariciando o símio

Serviços)!!! . A mata, a noite e o nevoeiro dificultavam a progressão. A visão era praticamente nula, não se avançava conforme se pretendia, o vasto matagal obrigava-nos a parar por momentos e, a corta-mato, ainda pior. Havia um local de encontro com hora marcada. O Comando da operação, sediado em Teixeira Pinto, chegaria em breve na DO e nós, certamente, não estaríamos lá a horas.

Então, decide-se caminhar pela estrada. Rapidamente ganhámos metros e mais metros. Começa-se a ouvir constantemente, mas em surdina: "— Mais afastados, mais afastados". O dia acabara de nascer, mas aquele nevoeiro, meu Deus! E à medida que avançávamos, ouviam-se uns sons indecifráveis: seriam aves no seu pipiar, anunciando o amanhecer, seriam sinais do

inimigo? Por mais que olhássemos a mata, não conseguíamos descobrir. Foi fatal ir pela estrada. Pouco passaria das sete horas. Estávamos a chegar a Capó e, de repente, um grande clarão. Era o letal disparo de RPG (granada lançada por foguete), seguido de rajadas de metralhadora. Respondemos de imediato com todo o material que dispúnhamos: as HK21, os morteiros 60, os instalaza, as G3 com e sem dilagramas criaram um autêntico inferno de fogo! Ao meu lado, o Gilberto, agarrado à G3, chorava copiosamente, com invocações constantes ao Senhor Santo Cristo. "— Dispara, disse-lhe, e deixa o Santo Cristo... ". Mas sua arma manteve-se em silêncio, enquanto a emboscada durou! Ficou petrificado, aquele homem!

Durante minutos, que mais pareciam uma eternidade, 120 homens acabavam de cair numa emboscada previamente preparada (soube-se depois) por cubanos, cuja zona de morte excedia os 200 metros, possivelmente.

Entretanto, lentamente, a intensidade de fogo ia diminuindo, primeiro da parte deles, depois da nossa até que a fuzilaria se quedou por completo. De imediato se começaram a ouvir gritos lancinantes. Havia feridos graves à frente. O meu pelotão avançou para lhes fazer protecção e a quem os iria socorrer. Quando por eles passei, não acreditava no que estava vendo: a esvaírem-se em sangue, um furriel e três soldados, todos feridos com extrema gravidade.

Minutos depois, um dos enfermeiros foi chamado ao 4.º pelotão, pois também havia um soldado que fora atingido na zona pélvica por uma bala. Este, o menos ferido, foi o primeiro a morrer!

«O inferno nos primeiros meses»

Os enfermeiros, em desespero, tentavam socorrê-los. Os radiotelegrafistas pediam, desesperadamente, evacuações "Y", mas respondiam que não havia helicópteros.

Vieram apenas um Fiat e um T6, que metralharam toda a zona, supostamente ocupada pelo IN.

Ao furriel, além de outros ferimentos, os estilhaços abriram-lhe um buraco na zona abdominal e escrotal. O furriel enfermeiro, para estancar o sangue, limitou-se a introduzir compressas e a injectar-lhe morfina, para lhe aliviar o sofrimento. Ficou exangue.

As suas últimas palavras foram dirigidas aos pais e ao macaquinho. Momentos depois expirava.

Dos feridos, apenas um sobreviveu até ao momento da evacuação, por volta das 13 horas. A este, os estilhaços descarnaram-lhe as pernas, deixando o osso à mostra!

Entretanto, o calor apertava fazendo exalar um cheiro insuportável a carne queimada. Os homens jaziam no chão, já mortos, há mais de três horas!!!!

Quando os helicópteros chegaram, limitaram-se a recolher os feridos, os mortos (guia incluído) e uma perna que se encontrava separada do corpo de um deles!

O Comando do CAOP (Comando de Agrupamento Operacional) mandou prosseguir a operação, mas os soldados, destroçados pela morte dos colegas, negaram-se e voltámos para o quartel.

Soubemos depois que a demora na evacuação se deveu ao facto dos meios aéreos terem sido desviados



Có – almoço de Natal de 68

para Madina do Boé, que estava a ser evacuada e que a jangada, na última viagem, por motivos ainda hoje dúbios, porque nem todas as versões coincidem, adornara, lançando á água dezenas de homens que transportava para a outra margem, dos quais cerca de 50 acabariam por se afogar.

No dia seguinte, um tal Major "vacas", assim era conhecido (talvez pelo volume do seu abdómen?!) deslocou-se ao Cacheu e, obrigando a Companhia a perfilar, fez um discurso de uma violência e desumanidade incomuns que deixou o pessoal revoltado, devido à sua insensibilidade

e desrespeito para com aqueles que, horas antes, haviam sofrido tamanho revés.

Na verdade, da sua boca saíram frases como "...não passais de uns cobardes", "toda a operação que não der mortos, não é operação" e antes de se ir embora, vociferou: "haveis de ser lançados em operações ainda maiores". E foi mesmo.

Nesse mesmo dia, de tarde, chegou o General Spínola, não exigindo perfil e com um discurso totalmente antagónico ao do major, começou assim: "— Soldados, ontem encontrava-me numa grande operação no

«O inferno nos primeiros meses»

leste e tive conhecimento..." e continuou: "— estou aqui, neste momento tão doloroso, junto dos meus queridos soldados..." e terminou dizendo: "—vinguem-nos bem e por cada um, matem sete ou oito...". Quarenta e três anos passados, ainda vivem em mim, estas palavras!

Depois de uns dias de descanso, fomos lançados noutra operação, sempre com contactos com o IN (inimigo), embora esporádicos, durante três dias a caminhar por mata densa, quase sem descanso até ao anoitecer. Numa dessas noites, em plena Cobiana, quando só se ouvia o zunir dos mosquitos, um soldado sonhava que estava a ser apanhado pelo IN (inimigo), e como dormia agarrado à G3, não hesitou em disparar. Felizmente não atingiu ninguém, mas serviu para referenciar a nossa posição. Tivemos que nos afastar daquele local para continuar o nosso "descanso" mais umas horas. A água ia faltando, a sede apertava. Precisávamos de água e rápido.

Reentrámos na mata, progredimos durante todo o dia e quando a noite caía, encontrávamo-nos a atravessar uma extensa bolanha, não sendo possível concluí-la, pois caminhávamos já com dificuldade, com água até aos joelhos, estourados de tal maneira que levou praticamente todo o grupo a pedir para se parar. E assim aconteceu!



Depois de atravessar o rio (à esquerda) e após a chegada ao quartel, no Cacheu (à direita)

Sentados nos regos, com os pés, de vez em quando, a "mergulhar" e encostados uns aos outros, assim ficámos até de madrugada. Mas era necessário sair dali logo que possível, caso fôssemos detectados, seria tiro no alvo!

Ainda a madrugada ia alta e antes de recomeçarmos a marcha, deu-me vontade de urinar. Lembro-me de ter pedido a um dos meus soldados para me abrir a braguilha, já que eu não conseguia, pois o frio e a humidade da noite paralisaram-me as mãos,

completamente!

Prosseguimos mata fora e ao fim da tarde, chegámos às margens de um dos braços do rio Cacheu. Só foi possível passar para o lado de lá, com a ajuda de uma corda que um dos soldados, depois de nadar para a margem oposta, prendeu numa das árvores.

Escusado será dizer que depois de caminharmos todo o dia, já cansados, ainda tivemos que atravessar um rio, agarrados a uma corda, com arma, com cartucheiras, granadas e com a margem contrária enlameada, que dificultava a subida, só um esforço hercúleo o permitiu fazer.

Exaustos, todos molhados, o corpo cheio de lama até à cintura e ainda faltando alguns quilómetros para chegarmos ao nosso destino, o Cacheu, lá continuámos mata adentro até que, ainda longe e já com o sol a esconder-se no horizonte, começámos a vislumbrar a ténue iluminação do quartel.

Finalmente chegámos ao aquartelamento, para o merecido repouso, ainda que por pouco tempo.

«O inferno nos primeiros meses»

A segunda fase da operação "Aquiles Primeiro", consistiu em emboscadas nocturnas, patrulhamentos com duração quase sempre de dois dias e duas noites e protecção aos negros que faziam a desmatação da estrada entre Cacheu e Bachile.

Entendeu o Comandante-Chefe que a missão da 2444, naquela zona, tinha sido cumprida cabalmente, e como tal atribuiu-lhe outra zona de acção: o sector de Bissorã.

Se Camões ficcionou a "ilha dos amores" como "prémio" para os heróis de antanho, aqui tudo foi realidade e a nossa "recompensa" chegaria em fins de Março, dia 29, com a transferência para aquela zona, qual "Terra Prometida".

Chegados a Bissorã, entendi que deveria fazer uma canção alusiva àquela malfadada operação.

Assim, baseado na música de "A lenda de El-rei D. Sebastião", de José Cid, escrevi:

I

*Depois de virmos de Có
Ao Cacheu fomos parar
Mandaram-nos pra Capó
Para turras apanhar
Na estrada em Capó (bis)*

II

*Turras vindos de longe
Dos lados da Cobia
Tentaram matar a gente
Aqueles grandes sacanas
Na estrada em Capó (bis)*

III

*Todos fomos enganados
Condenados à estrada
E naquela manhã
Apanhámos manga de porrada
Na estrada em Capó (bis)*

IV

*Cacheu, tu és para nós
A mais triste recordação
Roubaste-nos a alegria
Levada no coração
Na estrada em Capó (bis)*

Bissorã – 1969

«O inferno nos primeiros meses»

Em Abril de 2011, com um grupo de amigos ex-combatentes, regressámos á Guiné. Um regresso ao passado, aos locais onde há cerca de 40 anos cumprimos a nossa comissão. Pouco ou nada reconhecemos desse passado de que nos orgulhamos, mas que alguns conseguiram hipocritamente esquecer. Hoje, parte daquele povo ainda recorda com nostalgia a tropa portuguesa. É uma constatação inequívoca. "Voltem, precisamos de vocês".

FIM